

Dr. Pedro

APARECE AOS SÁBADOS

Redação, Administração e Oficinas
Largo da Sé n. 5 (Sobrado)
CAIXA POSTAL, 195
Endereço telegráfico: LANTERNA
Dirigir toda a correspondência ao
DIRECTOR:
EDGARD LUENROTH

A Lanterna

ANTICLERICAL E DE COMBATE

ASSINATURAS:

ANO 10\$000
SEMESTRE 6\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

Nas assinaturas para o exterior
há a diferença do porte do Correo.

A MORAL DO CLERO

Mais um crime revoltante dum padre

O miseravel padre Emiliano D'Amore, de Quarahy, R. G. do Sul, deflorou uma pobre orfã desamparada e atirou-a depois á prostituição.

Mais um delicto, mais um repelente crime acaba de ser cometido por um membro dessa cáfila infame que, enfiada energeticamente pelo povo de toda a parte, para aqui vem, numa devastadora enxurrada, a espalhar as suas intrugicas, a sua moral de alcoice e os seus crimes infames.

Que dele tomem nota todos os que têm filhas e consente que elas frequentem as igrejas, esses outros de corrupção.

O facto é tao simples como infame: um padre, abusando da fraqueza de uma pobre moça, deflorou-a e agora teuta abater o escandalo com algumas centenas de mil réis.

Esse crime não apresenta nada de novo — é a historia de todos os dias. Os pais que são ou se julgam crentes, depositando uma cega confiança nos padres, consentem que as suas filhas, as suas crianças frequentem igrejas e ajoelhem-se aos pés desses reptis asquerosos para confiar-lhes os mais intimos segredos pessoais e de familia.

A consequencia de tal delicto não pode deixar de ser fatal.

E os crimes cometidos contra as pobres moças e as indefesas crianças vão-se repetindo numa terrivel sequencia.

E de mais um desses crimes que acaba de ser teatro a cidade de Quarahy, no Estado do R. G. do Sul, aqui muito vagamente referido neste telegrama expedido daquela cidade ao bispo de Uruguayana:

*Ilmo. sr. d. Hermeto Lima, m. d. bispo de Uruguayana.

A população desta cidade, justamente indignada e ofendida em seus brios, recorre á justiça da v. ex. solicitando a immediata retirada desta parochia do padre Emiliano D'Amore.

O procedimento actual deste vigario, junto á pesada bagagem de seus antecedentes, reclama a attenção de v. ex.

Ha pouco, aproveitando-se da fragilidade da menor F. P. M., orfã e da invalidez de seu protetor, Fidely Barroso, que se acha ás portas do túmulo, acaba de atirar-a á prostituição, procurando agora encobrir seus crimes com alguns contos de réis.

E para evitar maiores males, que serião resultante intahivel da impunidade desse obtuso moral, que abusa da religião para seduzir infelizes, que recorremos confiantes á autoridade de v. ex.*

O telegrama contém um grande numero de assinaturas de advogados, medicos, comerciantes e pessoas do povo.

Ocupando-se do caso, diz o Diario da Fronteira, de Uruguayana:

Cabemos que o virtuoso prelado desta diocese, d. Hermeto, logo que recebeu o telegrama, que acima publicamos, expediu um recado, chamando com urgencia a esta cidade o padre D'Amore.

O Diario Popular, de Pelotas, que também noticiou o facto, assim se exprime:

D. Hermeto Lima chamou urgentemente á Uruguayana o padre D'Amore, e vai proceder com energia, como convém ao decoro e ao prestigio da religião catolica.

Segundo esses colegas, o bispo de Uruguayana vai proceder energeticamente contra o padre atirado.

Que pretenderá fazer o citado bispo para punir o padre D'Amore? Obrigalo a despir as batias?

Não acreditamos que tal aconteça. Os factos ai estão para o provar. Oitamos apenas o padre Pedro Cosmas Heredia de Minas, que, apesado de todos os seus grandes crimes, ainda por lá anda a roubar o dinheiro do povo com as suas missas.

O safardana D'Amore será quando muito transferido para outra parochia.

E tudo ficará esquecido para a boa paz do rebanho do senhor...

Uma denuncia grotesca

Diz o seguinte o Correio do Povo, que se publica nesta capital, em suas noticias telegraficas de 3 do vigente:

*Contra o padre Emiliano D'Amore, vigario da parochia de Quarahy, foi dirigido ao bispo desta diocese, d. Hermeto Pinheiro, uma representação, assinada pelo intendente dali, autoridades, medicos, advogados, comerciantes e outras pessoas gradas daquela cidade.

O padre D'Amore é acusado de ter deshonrado uma menor, orfã.

O bispo, muito contrariado com o facto, chamou o padre a esta cidade, devendo esse vigario ser severamente punido, segundo as leis eclesiasticas.*

E que tal?

Sim senhores!... O bispo vai punir-o com as leis eclesiasticas; vai passar-lhes um sermãozinho, enquanto que a infeliz orfãzinha, rolando pela escadaria da prostituição, irá roendo o pão que o diabo amassou.

Para um Pomaref destes não ha uma lei de Lynch, não se procura o desazravo pelas penas do respectivo codigo.

O artigo 267 não abrange aos bandalhos e depravados de batina. Tem eles o pleno direito de atirar ao meretricio toda a infeliz incauta que lhes caia ao confessorario.

Para cumulo de nossa vergonha assina também a tal representação advogados e, quicá, o proprio promotor publico que, desde logo, devia ter oferecido denuncia contra o monstro, requerendo a prisão preventiva de semelhante scelerado, maximé em se tratando de um patife reincidente que logo após sua estadia em Uruguayana, foi pelo mesmo delicto trancafiado na cadeia da mesma cidade por 6 meses, tendo ali sido a vitima sacrificada á luxuria de tão afrodisiaco padre dentro do proprio confessorario!

Quando foi proplado em Uruguayana que semelhante relapso ia tomar conta da parochia com transigencia da de Santa Maria, foi um grito unisono de repulção. Precisou que praças embaladas em quadra trouxessem da estacção para o hotel semelhante ministro de Deus e que muitos dias o acompanhasse, assim, pelas ruas.

Em todo caso o homem vai ser punido, e... bom será que não se enamore ele da caseira do bispo, que então ali é que o porco torce o rabo e o novo pagará o velho, pois dizem que é ela um mulatto de fazer pecar um santo de pedra.

Boa-Sorte.

Porto Alegre, agosto - 912.

Quem dá é santo...

La Croix, órgão dos clericais franceses, começava assim recentemente um necrologio:

«O principe Czartoriski era um homem duma grande intelligencia...»

Porquê? Que fez ele?

La Croix explica mais abaixo: o sobredito principe deixou por testamento á santidade papal a bagatela de 250 mil francos...

Se tivesse deixado um milhão ao misero representante do miseravel Jesus seria proclamado um génio.

Escorraçada de toda parte, a cáfila leprosa para aqui se encaminha com a sua bagagem de immoralidades, de explorações e de crimes.



Xóstias amargas

Ainda o divorcio

Dirigimo-nos ás pessoas que se acham no gozo integral das suas facultades de raciocinio.

Não temos a pretensão de quereremos seduzir os fanáticos, áqueles que vivem escravizados a uma seita, que tem a estulta presunção de que lhe está reservado o papel de dominar o mundo, quando devia de se aperceber de que, de dia para dia, perde terreno, tão incompatibilizada se encontra com os principios basicos da sociedade moderna.

Responda-nos, portanto, quem tiver dois dedos de bom senso: Que têm que ver os senhores padres com a questão do divorcio civil?

Acreditam esses trapincolas, de zero no «sinciput» que o Estado tenha a pretensão de legislar para a Igreja? Que se reputa com competencia para decretar o divorcio religioso?

Quereis ver, papalvos de batina e sobrepeiz, como sois incoerentes e contraditorios com vosco proprios?

Que é que pregais do pulpito ao auditorio que vos ouve bestificado? E que é que foi ensinadno nos cursos de teologia moral dos seminarios, onde durante uma boa duzia de anos andaste enclausurados, a engrolar terços, a recitar uns psalmos nefelibatas e a cultivar as praticas do homosexualismo?

Não professais que o casamento civil é um simples contrato destituído de sancção religiosa?

Não costumais mesmo afirmar, para frisar bem o vosso pensamento, quando doutrinais a massa ignara, que o casamento civil, puro e simples, é um concubinato legal, — casamento de cachorro, na frase dos mais exaltados de entre os vossos?

Ergo, falemos em linguagem teologica, o casamento civil é para vós outros, que não scatis as leis do paiz senão emquanto elas não se colidem com os preceitos papalinos, um acto nulo, insubsistente, irritado, monstruoso e immoral.

E se ele é tudo isso, que vos importa a vós que o poder legislativo faculte ás partes contratantes a dissolução, quando lhes aprouver, de um vinculo que considerais criminoso, condenavel?

Porque aqueles que considerais bons catholicos, isto é, aquelles que só pensarem pela vossa cabeça e agirem sob o imperio da vossa vontade — esses jamais pensarão em divorciar-se; enxergarão sempre na bengam sacerdotal a base da sua união e no acto civil uma farça, uma comedia á que foram forçados a se submeter tão somente em atencção aos interesses materiais da prole a vir.

Pois bem — é a esse acto, que qualificaes de concubinato legal, de casamento de cachorro e ao qual applicais todos os epitetos de mais baixo calão, que se encontram nos dicionarios, que os espiritos emancipados desejam tirar o caracter de perpetuidade forçada, que ora lhe é inerente, por uns restos de preconceitos religiosos e metafisicos, que ainda vigem na sociedade moderna.

Incomoda-vos isso? Não quereis que conjuges, ligados tão somente pelas leis civeis, possam, a bem da felicidade de ambos, separar-se e contrair novas nupcias?

Mas então, meus amigos touzurrados, o casamento civil não é isso que andais dizendo, tanto assim que quereis impedir-lhe a dissolução nos casos em que esta se impõe.

E como estamos hoje de veia para extrairmos do cerebro os farrapos da velha filosofia escolastica, que ha mais de dois lustros, andámos a ruminar em uma Sebenta velha, que nos meteu nas mãos certo padre fanhoso, de ventas entupidas de tabaco, vamos terminar as Hostias de hoje apresentando-vos um pequeno argumento ad hominem:

Já que propugnais com tanta veemencia a indissolubilidade dum casamento civil, ao qual votais o mais entranhado odio por ser uma ameaça ás vossas algibeiras, por que motivo é doutrina corrente entre vós que as pessoas casadas apenas civilmente podem contrair novas nupcias na vossa Igreja, se outro impedimento canonico não existir?

Ah! Desde que não estejam em jogo os vossos interesses, não hesitais em sancionar novas ligações de pessoas já casadas em face da lei, não é verdade?

Quereis saber? Sois, bandidos, a mancha negra que tins a sociedade e de que ela, um dia, ha-de se depurar. Não fossem fatais e inofensivaveis as leis que regem a evolução da humanidade...

SOB O DOMINIO DOS TRUSTS

Os vorazes trustistas que avassalam S. Paulo estão assambrando escandalosamente tudo quanto é de primeira necessidade á vida — E o povo cruza os braços...

Na sua missão de jornal de combate a tudo quanto seja exploração e violencia exercida contra o povo, a Lanterna, ainda ha pouco, acompanhou com grande interesse a agitação que aqui se fez contra a sempre crescente carestia da vida, sustentando-a e chamando para ella a attenção de quantos sentem o grande mal-estar que ainda nos assoberba.

Com o fim de intensificar, de dar corpo a essa utilissima agitação, foi realizado um grande comicio, no qual se declarou fundada a Liga Contra a Carestia da Vida. O comité dessa agremiação poz-se logo em campo, convocando comicios por todos os arrabaldes, espalhando boletins, etc.

Foram, porém, baldados os seus esforços, pois o povo explorado, o povo que vive a proclamar a sua miseria não atendeu aos seus apelos, mantendo-se numa deploravel apatia, numa inexplicavel inercia.

A não serem o comicio do Salão Celso Garcia e o primeiro do Braz, todas as demais reuniões foram realizadas com os salões vazios!

Em vista disso, os que já se tinham atirado decididamente á luta, com entusiasmo e boavontade, foram forçados a desistir do seu elevado intento.

E o povo continua a se queixar da carestia da vida, que, de dia para dia, vai se tornando mais insuportavel, enquanto os grandes argentinos vão aumentando inacreditavelmente as suas já colossais fortunas.

E para provar, numa esmagadora evidencia, a afirmação aqui constantemente feita de que o mal-estar dominante provém do escandaloso assambramento de tudo quanto é de primeira necessidade á vida do povo, assambramento esse praticado por meia duzia de vorazes trustistas, para demonstrar que a nossa campanha baseia-se em justissimas razões vamos fornecer hoje aos nossos leitores um precioso documento que acabamos de conseguir.

E' uma carta escrita por uma pessoa de intima privação dos grandes exploradores do publico consumidor, carta essa pela qual ver-se-á que

S. Paulo está sob o dominio dos trusts

Um empregado de um miseravel trust, que é obrigado a ganhar bem caladinho o pão para o sustento da sua familia, fiado nos sentimentos generosos de v. s., escreve o seguinte, e se v. s. puzer mãos á benemerita obra reclamando as providencias para debelar o mal que afflige este povo, suas benções hão-de acompanhalo para sempre.

Toda a população directa ou indirectamente é vitima da carestia e desconhece as suas causas... menos queia dos alugueis, que também deve ser combatida a começar pelas dificuldades ás construções oppositas pela Camara e aos impostos e exigencias que gravam sobre as casas depois de construidas.

Mas o mal principal, a causa primeira que nos impurra a miseria nos lares, que nos esfomeia e que, conforme vão subindo as diarias ou os ordenados, mão a mão nos aperta, esta não é conhecida e apenas entre muito poucas pessoas deia se faz comentarios.

Que inventos estes tempos perversos, que (as com que hoje se faz tão somente) Doce recordação dos tempos idos...

Beato de Silva.

E' que os trusts mais miseraveis, os trusts dos generos de primeira necessidade, prohibidos e punidos alhures, nos estão horrendamente sugando na proporção que se aumentam os ordenados (aliás da infeliz classe média quasi os mesmos) e horrendamente nos sugam e mais apertam na proporção da liberdade em que estão de livremente sugar-nos.

E essas malditas associações imperam: é o trust das farinhas de trigo, é o trust do arroz, o trust do assucar, o trust do bacalhau, fechado ha pouco, o do azeite de algodão (o que nove decimos do povo consuma), sem contar o trust da carne, que dura já ha vinte anos, o do querosene, que se está formando e o dos chapéus, o qual só faltavam duas fabricas para se fechar, isto é, para ser completo.

O trust da farinha de trigo é tal que quando o cambio oscilava entre 8 e 9 a farinha custava de 9 a 10\$500 o sacco e hoje, com o cambio a 16, está a 16 e 17\$000...

Os moinhos de S. Paulo Matarazzo e Puglisi juntaram-se com o moinho inglez do Rio, o moinho do Gamba em Rio Grande (Estrada Inglesa) recebe mensalmente uma quantia para não trabalhar e os outros negociantes do genero, aliás insignificantes e que negociam com Montevidéo, estes estão de fóra, mas aproveitam das vantagens do trust, pois acompanham seus preços. E as familias que paguem o pão mais do dobro...

O arroz estrangeiro ou nacional que ao cambio de 8 a 9 custava de 13 a 18\$000 o sacco, hoje, com o cambio a 16, custa de 26 a 32\$000 o nacional, e o estrangeiro já não pôde vir pelo imposto proibitivo de quasi 12\$000 por sacco. Sobre esse imposto que sómente serve para facilitar e melhor aproveitar ao trust, muito haveria a dizer.

O trust do arroz, que é o mesmo supra, paga esse genero, digo assambrar esse genero, no interior, comprando em casca por 8 a 9\$000 o sacco e por 11 a 12\$000 o descascado, e o povo que o pague de 26 a 32\$, estando o cambio a 16, quando o pagava de 13 a 18\$ nacional ou estrangeiro quando o cambio oscilava entre 8 e 9. Póde haver disparidades maiores?

O azeite de algodão que o pobre e a classe média consomem e que, com o cambio de 8 a 9, custava de 17 a 21\$ a caixa, custa hoje de 27 a 32\$ e está o cambio a 16. E ainda estava barato; é que o trust não

CAUTÉRIOS

LXXV

No dia de S. Bartolomeu

Hoje a Lanterna, garrida, se apronta, Toda festivamente se engalana, Vai festejar a data mais humana Que a Igreja nos anns, garbosa, conta.

O' S. Bartolomeu, gloria romana, Onde feito maior, onde se apronta? Só tu bastavas para desafronta. Se algum taxasse a Igreja de tirana.

Nós te glorificamos, neste dia, Elevando louvores, juntamente, A Satanas, o pai da Rebelião.

Que inventos estes tempos perversos, que (as com que hoje se faz tão somente) Doce recordação dos tempos idos...

Beato de Silva.

estava ainda bem fechado; esperem. E os trusts são sempre os mesmos.

O assucar que, sempre com o cambio de 8 a 9, pagava-se de 6 a 38 arroba, hoje, com o cambio a 15, está a 16 e 17S...

Parece incrível!... Mas se isto não é a Beocia será a Arquibeocia.

E o trust do bacalhau foi fechado ha pouco e se está formando o do querozene. E, para se ver aonde chega o aproveitamento dos trustistas que em outros paizes seriam inibidos e punidos rigorosamente, é apreciar o seguinte: o trust do bacalhau, fechado ha pouco, abrangendo de S. Paulo a Pernambuco, mas não conseguiram fechar o senão para o que vem em barris, que aliás é justamente o que mais se consome por ser o mais barato; com o bacalhau que vem em caixa não conseguiram.

Parece que, desconfiando da coisa, as casas importadoras dessa qualidade procuram constituir a parte, por si. Compreende-se, o exemplo é contagioso. Todavia a respeito nada se pôde afirmar, o que é certo é que quando breve encarecer aquele em barris termos consequente aumento no de caixa. Mas o caso que eu quero frisar é o seguinte: depois de estar fechado o trust appareceram em S. Paulo barris de bacalhau sem passar pelos tramites do trust; quem sabe se alguma partida antecedente, ou se introduzida a despeito do trust para a seu tempo gozar dos preços dos mesmos. Pois bem, logo depois o sr. Matarazzo teve a coragem de sair á imprensa protestando, dizendo que as marcas tais e tais, que afinal são todas as marcas do bacalhau em barris, eram de sua exclusiva importação, ameaçando processo contra quem importar essas marcas, como se isso fosse privilegio de sua invenção, como se o bacalhau, «genero de primeira necessidade», fosse uma bebida de luxo ou extravagancia inventada por ele ou por algum, com privilegio de importação, etc. etc., A ousadia dessa gente tem chegado a esse ponto...

Impor privilegios pela importação de generos de primeira necessidade!

Emquanto que em Norte America presidente e povo se levantaram e impediram os trusts do aço e do algodão, que são materias primas e não generos de primeira necessidade, para cujos trusts ha leis severissimas e prisão, aqui, aos esfomeadores do povo, até se permite sair á imprensa com desdencamento tamanho.

Emquanto acolá se insurge até contra o convenio da valorização do café, querendo faze-lo passar como um trust, que não é, porque quem faz o trust não é o produtor mas o negociante, porque os produtores de um genero, como por exemplo os pescadores do bacalhau, têm todo o direito de armazenar-lo para vende-lo quando lhes convenga, porque o que constitue especulação directa do produtor sobre o seu produto immediato não é a odiosa especulação indirecta que faz o negociante sobre o trabalho dos outros, entre nós se permite que um conluio de negociantes imponha a miseria e o descredito a um paiz inteiro e ainda venha á imprensa com protesto tão injusto quanto descarado, tão estúpido quanto fundamentalmente leonino.

Mas, realmente, um povo que sofre ha 20 anos o trust da carne, que está ha mais de dez anos com o trust da farinha de trigo (embora que não com preços tão altos) e a mais de quatro anos está com o trust do arroz sem reclamar, bem merece que se lhe aperte o cerco e que se lhe imponha mais trusts.

O que se está dando aqui não se deu ainda em parte alguma. Talvez, seja pela população não ser homogenea. Será bom dizer isso para os brios paulistas, mas a coisa é lemalis.

Urge que o governo acuda e que se adotem as medidas possiveis em pratica ha muitos anos na Austria e em outros paizes, que obrigam a vender os generos de primeira necessidade por uma pauta na proporção dos preços dos mercados produtores, sendo rigorosamente punido o monopolio.

Ao cuidado de v. s. estão confiadas estas linhas e debaixo dos aplausos de toda a população será acolhida a campanha que for feita para livrar S. Paulo de tamanha desgraça, que é a desorganização continua das industrias e de qualquer trabalho, o descredito do paiz e a miseria nos lares de todo um Estado que, porquanto rico, se acha na mais triste posição.

Res, sendo rigorosamente punido o monopolio.

Aos leitores da Lanterna, de cuja indulgencia tenho usado e abusado, venho pedir desculpas se, deixando hoje de parte as faunas lusitana e brasileira, tão ricas em exemplares bipedes dos mais curiosos, venho falar de um dos mais estimados quadrupedes que a Sabedoria divina jamais se lembrou de criar para a felicidade da humana especie.

Não ignoro que uma boa parte dos meus semelhantes, aquella que segue e obedece ás leis de dois grandes legisladores, de dois grandes condutores de povos, tem este animal na conta de causador da pior desgraça que possa advir a um dos seus crentes — a perda infalivel da felicidade eterna.

Quero me referir a Moisés e a Maomé que proibiram expressamente aos seus adeptos, como o maior dos pecados, tocarem na carne do tal animal.

Não indagarei aqui das razões dessa interdição, mas o facto é que ella existe e isto basta.

Porém vamos ao que serve, contemos a historia em poucas palavras.

Façam ideia que se trata de um porco catolico, sim senhores, de um porco papista e que gosa da plenitude das suas faculdades físicas e morais, como ides ver, pois que é barrão, cristão e não capado.

O barrão de Lobsann

Aos leitores da Lanterna, de cuja indulgencia tenho usado e abusado, venho pedir desculpas se, deixando hoje de parte as faunas lusitana e brasileira, tão ricas em exemplares bipedes dos mais curiosos, venho falar de um dos mais estimados quadrupedes que a Sabedoria divina jamais se lembrou de criar para a felicidade da humana especie.

Não ignoro que uma boa parte dos meus semelhantes, aquella que segue e obedece ás leis de dois grandes legisladores, de dois grandes condutores de povos, tem este animal na conta de causador da pior desgraça que possa advir a um dos seus crentes — a perda infalivel da felicidade eterna.

Quero me referir a Moisés e a Maomé que proibiram expressamente aos seus adeptos, como o maior dos pecados, tocarem na carne do tal animal.

Não indagarei aqui das razões dessa interdição, mas o facto é que ella existe e isto basta.

Porém vamos ao que serve, contemos a historia em poucas palavras.

Façam ideia que se trata de um porco catolico, sim senhores, de um porco papista e que gosa da plenitude das suas faculdades físicas e morais, como ides ver, pois que é barrão, cristão e não capado.

Eis o facto:

Ha na Alsacia-Lorena uma aldeia chamada Lobsann cujos habitantes metade são catolicos, metade protestantes.

Acontece que na referida aldeia só existe um barrão, sendo este obrigado, o que faz aliás com a maior boa vontade, a dispensar os seus favores tanto ás porcas protestantes como ás catolicas, e como bom filosofo que é pouco se incomoda, neste particular, com as crenças alheias.

As porcas do credo reformista eram da mesma opinião.

Assim ia correndo tudo muito bem, ninguém se queixava. Nunca a justiça civil nem a autoridade das duas igrejas tiveram que intervir para restabelecer a paz e a harmonia na aldeia.

O nosso barrão levava uma vidinha ideal, isenta de preocupações, respeitado de todos, querido das suas queridas, sempre pronto a satisfazer-lhes os menores caprichos — era o paraíso mesmo!

Mas eis que o diabo se mete de permeio e tudo transtorna, tudo estraga.

E qual o meio de que se serve?

Das eleições!

Ultimamente catolicos e acatolicos do lugar andam a se mostrar os dentes por causa de politica.

Ora, sendo o dono do barrão um papista, resolveram os protestantes fazer-lhe guerra.

Qual o melhor meio para isso?

E, dizem, não mais consentirmos que o maldito barrão catolico toque nas nossas porcas protestantes, e assim fizeram.

Hoje, quem nos diz é La Penade, na aldeia de Lobsann ha dois barrões — um catolico e outro protestante.

Para o futuro não mais se exercerá o interconfessionalismo suino ali, somente o suino.

Adrecoal.

Rio, 19 — 3 — 912.

'A Velhice do Padre Eterno'



EM SANTOS E EM JUIZ DE FORA

A GRANDE AGITAÇÃO OPERARIA

Contra os trabalhadores das Docas concluiu-se toda a canalha grauda — Repete-se lá um facto analogo ao dos Estados Unidos — Em Juiz de Fora a policia atira sobre os operarios.



Santos, pela importancia de seu porto, é um dos mais importantes centros operarios, é uma cidade de trabalho, de trabalho esfalfante, embrutecedor.

Até ha pouco tempo, quando a vizinha cidade era assolada terrivelmente pela febre amarela, a sua população compunha-se unicamente dos homens do trabalho, dos obscuros fautores de toda riqueza, que, obrigados pela necessidade, afrontando a morte, lá permaneciam no seu trabalho de escravos modernos. Os apatacados, os que ganham os seus milhões refestelados em palacios luxuosos esses só lá iam de fugida.

A custa de milhares de vida dos que se expõem á morte para ganhar um bocado de pão, a cidade de Santos libertou-se do terrível mal, tornou-se higienica, aformoseou-se.

E agora está ella no numero dos mais importantes centros de trabalho do Brasil. Ali labutam, numa azafama macabra, em serviços mortíferos, sob um sol quasi sempre canicular, confundindo-se nas carreiras com os animais de carroças, uma incalculavel multidão de trabalhadores, um verdadeiro mar humano.

Os capitalistas, na ancia incontinida de acumular riquezas, tratava de arrancar desses novos pátrias a maior soma possivel de lucro, dando-lhes miserios salarios e fazendo-os trabalhar horas infindas.

Dai a razão da resistencia surgida no seio dos trabalhadores para conseguirem limitar a oppressão que sofriam.

Quem não tenha o cerebro obliterado pelos preconceitos reaccionarios, quem se preocupe algo com a questão que agita o mundo não estranhará isso. E' a luta entre as duas classes que se manifesta com o desenvolvimento da industria.

Os trabalhadores começaram a reconhecer os seus direitos e organizaram-se em sindicatos para a sua defesa.

E surge a luta, e começam as greves, consequencia logica do choque entre as duas classes.

Essa resistencia, esse movimento tem, de ha tempos para cá, tomado maior incremento, tem-se accentuado evidentemente.

Hoje uma, amanhã outra, foram as diversas classes fazendo os seus movimentos para a conquista de algum aumento de salario ou a redução das horas de trabalho.

Chegou a vez das Docas, da poderosa, da intangivel Docas, o insaciavel polvo de mil tentaculos, a colossal monstro que, de fauces hiantas, não se sacia de ouro e dos corpos dos que se encarragam de o ganhar.

Declarou-se a greve dos trabalhadores. A solidariedade foi completa. O monstro cessou os seus movimentos.

Mas, para proteger a sua exploração, dispõe as Docas de tudo: dos governos do Estado e da Republica, dos vasos de guerra, da policia e da grande imprensa.

Tudo isso foi posto em movimento para esmagar os trabalhadores.

O scout «Rio Grande do Sul» para lá foi mandado a todo vapor, a policia lá está a fazer das suas e a grande imprensa di-faz-se infamias.

Mas a greve continua. Os trabalhadores têm bastante dignidade e energia para enfrentar toda a canalha grauda.

A greve, até á hora em que escrevemos, permanece no mesmo pé, mostrando os operarios firmeza no seu proposito de só voltarem ao trabalho quando forem atendidas as suas reclamações.

Essa firmeza exasperou os potentados, os multimilionarios, os omnipotentes argentarios das Docas.

Alguns dos seus directores conferenciaram com as autoridades. Era preciso esmagar as pretensões dos operarios.

E as suas associações foram devassadas e depois encerradas, e as prisões encheram-se de trabalhadores.

Mas a greve continua. Era preciso cortar o mal pela raiz, era preciso arredar do seio dos «operarios» honestos os seus exploradores», processa-los e expulsa-los depois.

Declarou-se a greve dos trabalhadores. A solidariedade foi completa. O monstro cessou os seus movimentos.

Mas, para proteger a sua exploração, dispõe as Docas de tudo: dos governos do Estado e da Republica, dos vasos de guerra, da policia e da grande imprensa.

Tudo isso foi posto em movimento para esmagar os trabalhadores.

O scout «Rio Grande do Sul» para lá foi mandado a todo vapor, a policia lá está a fazer das suas e a grande imprensa di-faz-se infamias.

Mas a greve continua. Os trabalhadores têm bastante dignidade e energia para enfrentar toda a canalha grauda.

A greve, até á hora em que escrevemos, permanece no mesmo pé, mostrando os operarios firmeza no seu proposito de só voltarem ao trabalho quando forem atendidas as suas reclamações.

Essa firmeza exasperou os potentados, os multimilionarios, os omnipotentes argentarios das Docas.

Alguns dos seus directores conferenciaram com as autoridades. Era preciso esmagar as pretensões dos operarios.

E as suas associações foram devassadas e depois encerradas, e as prisões encheram-se de trabalhadores.

Mas a greve continua. Era preciso cortar o mal pela raiz, era preciso arredar do seio dos «operarios» honestos os seus exploradores», processa-los e expulsa-los depois.

E foram presos cinco operarios, tres dos quais considerados como dos mais conscientes.

Mas a greve continua. Os bandidos endinheirados ainda não estavam satisfeitos. Deram ordens e as mais infames calunias foram urdidas contra os operarios Antonio Filgueiras Veytas, Manuel Gonçalves, Primitivo Soares, José Vasques e Adelino Cairo.

Estes companheiros, que não trabalham nas Docas, foram presos e remetidos para S. Paulo em trem especial.

«Eram os cabeças» e deviam ser severamente punidos.

Para esse fim embarcou ás carreiras para Santos o famigerado Teofilo Nobrega, o mesmo do caso Calvo, que lá, em uma noite, de afogadilho, forjou um processo contra eles, conseguindo do promotor e do juiz a ordem de prisão preventiva e uma denuncia como incurso no artigo 329 paragrafo terceiro do codigo penal.

Os bons companheiros voltaram para Santos e terão que esperar na cadeia a formação do processo, por ser inafiançavel o crime que porcamente lhes atribuem.

Infamias das infamias!

Estamos diante de um caso analogo ao dos companheiros Etor e Giovannitti.

Primitivo Soares, Antonio Vitytes e Manuel Gonçalves são operarios conscientes e como tais dedicam grande actividade ao movimento da sua classe.

E' essa a causa da sua prisão, e é esse o motivo por esse motivo que os prenderam, que os vão processar, que os tentam condemnar.

E' revoltante!

Esses companheiros são trabalhadores conhecidos e trabalham para o sustento de numerosas familias.

E chamam-n'os de viveedores!

Bandidos!

Ao proletariado cabe a defesa dos seus companheiros. E' preciso fazer-se uma grande agitação por todo o Brasil para os livrar das garras dos laçaios dos ladrões encasacados das Docas.

Em S. Paulo já se formou um comité para esse fim. Que em cada cidade se faça o mesmo.

A greve continua; os trabalhadores estão firmes.

A imprensa mercenaria e a todos os defensores do polvosantista o nosso odio. Aos trabalhadores a nossa inteira solidariedade.

EM JUIZ DE FORA

Tambem Juiz de Fora, a velha cidade mineira, está sendo teatro de um desses episodios da grande luta mundial entre o capital e o trabalho, entre os senhores das fabricas, das construções, de tudo enfim, e os trabalhadores — estes contando unicamente com a potencia de sua solidariedade, bela, dignificante, e aqueles esculados pelas forças brutais e assassinas da policia.

Nesta grande terra, nesta vasta nação de apreogadas liberdades, neste paiz cuja constituição é decantada como a mais liberal, como a que mais completos direitos outorga ao cidadão, o trabalhador, o fautor unico de suas riquezas não pode fazer greve para determinar suas condições de trabalho, não se pode arregimentar, como em toda a parte, para opor um dique a insaciavel ganancia dos insensiveis patrões que não cessam de «portar-lhe» sob a grilheta infame da sua exploração sem limites!

O actual movimento operario de Juiz de Fora demonstra flagrantemente que esta nossa constação é a mais limpida expressão da verdade.

Os trabalhadores daquela cidade, impulsionados por uma das suas mais prementes necessidades e seguindo o exemplo dos seus companheiros de todo o mundo, e mais directamente do de Belo Horizonte, resolveram reclamar dos patrões o estabelecimento da jornada de 8 horas.

Trabalhava-se ali até 12 e 14 horas, não havia horário, entrava-se para o trabalho ao romper do dia e voltava-se para casa com a noite feita.

Era preciso mais descanso, mais repouso para retemperar forças perdidas no trabalho exaustivo, para as distrações, para o estudo e a educação social.

Impunha-se, portanto, a redução do horario de trabalho, o estabelecimento do dia de 8 horas, já conquistado pelo operariado da capital do Estado.

E na sexta-feira pela manhã, conforme noticiámos em nosso numero passado por um telegrama enviado pelo nosso amigo Teofilo Rezende dos Santos, teve inicio o movimento grevista generalizado com fim de obter essa conquista.

Nesse dia começava a vigorar em Belo Horizonte a jornada de 8 horas conquistadas com um rumoroso movimento grevista e os operarios de Juiz de Fora entenderam que elle deveria marcar tambem a sua victoria.

A greve começou em algumas classes, estendendo-se depois rapidamente a muitas outras.

Os primeiros nucleos de grevistas, reuniram-se e fizeram incorporados uma passeata por toda a cidade convidando os que a ainda trabalhavam a aderirem ao movimento.

Pouco a pouco as oficinas foram sendo fechadas e as obras paralisadas.

Tornou-se, pois, a greve quasi geral.

Reunidos em comicio, os trabalhadores formularam as suas reclamações que são as seguintes:

1.º Que as horas de trabalho diario, para os operarios diaristas, sejam reduzidas a oito.

2.º Que sejam mantidos aos operarios de todas as classes, o mesmo salario, percebendo eles em oito horas de trabalho o mesmo que tem percebido em dez horas de trabalho.

3.º Que os operarios que trabalham por peça, por tarefa, ou a um tanto por hora, seja facultado por dia o numero de horas de trabalho que lhes convier, sem diminuição dos rendimentos relativos á peça, tarefa ou hora de trabalho.

4.º Em nenhum caso será permitido ás crianças menores de 14 annos, de ambos os sexos, o trabalho além das 4 horas de tarde, conforme o projecto de lei que á Camera foi apresentado.

Os patrões reuniram-se no outro dia e resolveram não atender aos operarios.

Não concediam as 8 horas, que se dirigissem aos «poderes competentes» e, a elles, individualmente, e, quanto ao trabalho dos menores nas fabricas, isso competia á hygiene municipal.

Isso tudo foi decretado assim, draconicamente, de mistura com uma attitude de ironica superioridade.

Mas os operarios, firmados na inequivoca justiça de sua causa, não desistiram do seu proposito e matêm-se decididos na luta.

Dai a turba barbaica dos criminosos fardados, sob ás ordens de um efferes caricato e sanguinario e um delegadete estúpido e violento.

Os operarios faziam uma reunião para decidirem sobre os seus interesses em jogo. A soldadesca brutal, que andou em automoveis e em marchas palhaescas, ao toque dos clarins e dos tambores, ostentando e apontando as carabinas caladas, atirou-se sobre eles ferindo diversos.

Não bastava, os bandidos ainda não estavam saciados.

E em uma outra reunião tombaram diversos trabalhadores, diversos pais de familia. Os brutos fizeram fogo sobre os operarios desarmados, matando um, terindo muitos outros, entre os quais um está em perigo de vida.

Entretanto a greve continua, os trabalhadores estão firmes.

A indignação entre os trabalhadores e o povo em geral é indiscutivel.

E si está mais uma prova de que a força policia não passa de uma miseravel raleira dos capitalistas gananciosos, uma cadeia de guarda dos exploradores insaciaveis.

Nós, fazendo-nos eco do unisono brado de protesto do proletariado brasileiro, gritamos bem alto:

— Miseraveis! bandidos! assassinos!

As sociedades operarias de S. Paulo telegrapharam a um dos diarios de Juiz de Fora protestando contra o massacre cometido com os operarios, devendo tambem publicar um manifesto nesse sentido.

CONFETOS BIBLICOS

O sazaç Moisés tinha um defeito: era um politico habil, mas não nascera para orador. Não tinha eloquencia e era tardo de lingua. Hoje, não serviria para deputado. Como havia, pois, de intrujar o povo? Fez por isso um arranjo com seu irmão, o bem falante Arão.

A coisa, naturalmente, foi explicada ao povo pelo mesmo processo que as outras. Moisés tinha objectado a Deus aquelle defeito na fala; e Deus respondera: «Quem fez a boca do homem, o mudo, o surdo, o vedor e o cego? Não fui eu?» Como se vê, gabava-se até, cinicamente, de ter produzido aleijões.

Após este divino discurso, pensareis talvez que Deus, assim como transformou a vara em cobra, vai fazer de Moisés um Bossuet ou um S. João Bocade-oiro, tanto mais que o milagre fê-lo um simples mortal, o grego Demóstenes, em si mesmo. E então aquella história cristã do Pentecostes, quando os apóstolos desataram de repente a falar várias linguas? Os deuses, porém, na maioria dos casos, apesar da sua omnipotencia, seguem as vias mais humanas, e por isso a difficuldade teve a solução mais facil.

Moisés, sempre modesto, pediu a Deus que enviasse a quem devia enviar. O Senhor acou danado, segundo o seu feitiço, e disse a Moisés que se servisse do eloquente Arão, seu irmão, como seu porta-palavra. E deu-lhe uma varinha de condão para os prodigios, tendo-lhe dito que já podia voltar ao Egipto, pois estavam mortos todos os que lhe queriam tirar a vida.

O atylo politico despediu-se do sogro, que lhe deu os ultimos conselhos com a sua velha experiencia de velho padre e que o mandou em paz, desejando-lhe bom êxito na empresa, e pôse a caminho da terra de farão, com a mulher, os filhos, um jumento, a vara mágica e a esperança de uma carreira brilhante. Hoje teria de levar: diploma, um diploma e boas cartas de empenho.



As joias duma rainha em almoceda — Desculpas piedosas de palacianos — Um imposto sumptuario — Vergonha «nacional» — Centenas de contos em diamantes — O contraste banal — O maior mal do modo de producao capitalista — Absurdos do regime actual — Onde está o vicio fundamental da sociedade burguesa A producao necessaria sacrificada a producao superflua e nociva — Parasitas e maquinas — As forcas produtivas desaproveitadas.

LISBOA, 4 DE AGOSTO

Concluiu no ultimo dia de julho, tendo durado uma semana, o leilão das joias da falecida D. Maria Pia de Saboia, a avó do destronado rei D. Manuel. Dessas joias, hoje espalhadas pelas joalherias de Lisboa, Madrid e Paris, pelas mãos de cortesãos ou de amantes de reliquias, algumas tinham feito parte da corbeille de noiva da faustuosa princesa, que as pusera no prego, para levantar algumas daquelas fortes somas que eram constantemente indispensaveis a sua insaciavel voracidade de dinheiro.

Piedosa e servicialmente, alguns dos seus fieis, murmuram, em guisa de desculpa, que os emprestimos eram levantados, sacrificadas as joias, para fins de caridade generosa e larga... Mas toda a gente sabe que os gastos caritativos da rainha perdularia constituiam uma das menos importantes verbas das suas despesas de luxo, eram uma das manifestações menos dispendiosas das suas régias larguezas... A beneficência entra obrigatoriamente nas «despesas gerais» de todos os ricos e poderosos, como prêmio de seguro contra as cóleras de baixo, e como imposto sumptuario que, à maneira de todos os impostos, vem a incidir sobre os que trabalham e produzem.

Outro murmúrio de origem palaciana é que o governo não deveria permitir a vergonha «nacional» do leilão!... Os republicanos respondem, e muito bem, que a vergonha só poderá ser para a riqueza e para os seus fieis e fervorosos partidários, alguns dos quais gastam tão mal o seu farto dinheiro. E na verdade, teria graça ver a República resgatar, à custa dos contribuintes, os desperdícios duma rainha...

Embora vendidas em hasta pública, algumas, segundo se diz, por preço inferior à base da licitação ou aos lanços obtidos na primeira praça, as joias produziram um pouco mais de 351 contos em moeda portuguesa. Como caucionavam dividas de 265 contos ao Banco de Portugal e à casa Burnay, sobram 86 contos, saldo, ao que parece, já embargado pelos credores de Maria Pia...

Trezentos e cinquenta contos em joias — a preço de leilão! E por entre o povo e pelos jornais, circula o velho comentário sobre o irritante contraste entre a miséria e a opulência, entre os que até do indispensavel carecem e aqueles que mesmo do superfluo dispõem. Quantas familias uteis não viveriam num ano com o produto daqueles resplandecentes mas dispensaveis adornos dum ser parasitário e improdutivo!...

Mas o comentário corrente é superficial. O grande mal do vigente modo de producao não é dar demais somente a poucos: o superfluo dessa minoria, repartido entre os pobres, não daria ainda o necessario a estes.

O maior mal do actual regime é fundar-se precisamente sobre a carestia, sobre a raridade dos produtos, é confiar a direcção da producao a uma classe, que a governa no seu interesse particular, e restringir o consumo pelo salario, é produzir a miséria de muitos para obter o lucro e a riqueza de poucos.

Não se produz para satisfazer as necessidades de todos: produz-se para gerar e para

vender. O que regula a producao não é o consumo livre, é o restricto poder de compra do assalariado, privado da terra e de todos os meios de produzir. Quem dirige a producao não são todos os produtores-consumidores: são alguns homens apenas, são os que possuem as coisas e por elas as pessoas, são os que para ganhar e especular precisam constantemente da carestia e do assambarcamento.

E no entanto, faltarão porventura, para alimentar, vestir e alojar todos os homens comodamente, as terras desocupadas, as matérias primas, as máquias e os materiais? Não é verdade que a miséria e a desocupação aumentam justamente quando ha «excesso de producao», esta tem de parar ou afri-uxar a marcha, porque se produziu demais, não para as necessidades reais, mas para o poder de compra do trabalhador? Não é certo que se aconselha e se pratica a destruição duma parte dos produtos, da plantaço e da colheita, ou se impõem medidas restrictivas da producao, para escassear e valorizar o restante, ao passo que as coisas destruidas ou restringidas faltam à maioria?

O vicio da presente organização social é patente e reside na posse exclusiva da terra e instrumentos de trabalho por uma classe.

Mas as joias da rainha sugerem outra ordem de considerações. O regime de propriedade individual não impede somente a producao abundante e a distribuição equitativa: desvia as forcas produtoras para o trabalho inutil ou dispensavel, quando não nocivo, sacrificando-lhe a producao do necessario. Quando ha tanta miséria por esse mundo fora, quanto trabalho util não é representado pelo valor daquelas pedrarias?...

A classe detentora das riquezas, na pesada e complicada engrenagem politica defensora dos seus privilegios e criadora de outros, na satisfação dos seus caprichos, proprios da dominação e da ociosidade, na ansia de ganhos fáceis e rápidos, na excessivamente complicada organização das trocas, emprega a maior parte do esforço humano por ela governado. O trabalho verdadeiramente util e necessario, cai sobre os ombros duma minoria, condenados a longos horas de bestial labuta.

E se aos braços desocupados e mal empregados juntamos as máquias, então imaginaremos quantas forcas se poderiam aplicar ao desenvolvimento da riqueza para todos e ao alívio do trabalho! Hoje, as máquias são temidas pelos próprios trabalhadores, porque para elles são muitas vezes a desocupação. Os patrões também favorecem muito lentamente o maquinismo, porque os braços humanos são baratos; porque o patrão, sendo quem dirige, não é quem trabalha; e porque, neste regime, a producao não pode ser aumentada indefinidamente. Mas se os meios de produzir pertencessem a todos e a producao fosse dirigida pelos próprios produtores? ...Como me levaram longe as joias de Maria Pia!...

Neno Vasco



Sangue de Cristo

Em Aosta (Italia), os padres fundaram uma sociedade de temperança, cujos socios se deveriam abster absolutamente de toda e qualquer bebida alcoolica, distillada ou fermentada, inclusive o vinho, em grande e pequena quantidade.

Mas o vinho da missa? Ou deixam a temperança ou deixam a missa.

S. S. G. PENSAMENTO LIVRE

Bem sabemos, ao escrevermos o primeiro artigo, sob a epigrafe acima, que muitos protestos se levantariam, em nome de preconceitos arraigados e de interesses feridos.

Em todos os tempos a verdade foi contestada e por ella foram sacrificadas muitas milhares de victimas.

Malvert, ao escrever a sua «Historia das Religioes», exhibe uma preciosa estatistica demonstrativa delas.

Como, porém, não nos intimidada a denegação, fizemos e faremos aquilo que a razão nos aconselha, seguindo a maxima de Dante: «Segue il tuo corso e lascia dir le genti».

O século exige pronunciamentos energicos, dignos do estado de positividade a que a Ciencia elevou o espirito.

Menos idealismo e mais realidade, é o que reclama a educação dos povos.

Entreter as massas com as fantasias filosoficas dos velhos tempos, quando suas imaginações eram incapazes de empreender a verdade, é um crime de lesa-humanidade.

Cada época precisa sua educação, e a actualidade não só não comprehende como não tolera as fantasmagorias religiosas dos séculos de Constantino e de Carlos Magnus.

As religioes, produtos do meio submetidas as leis inexoraveis da Natureza, evoluem com a falta de solidez do principio em que assentam.

A Divindade do tempo de Kristna, Confucius e Brahma, não é, não pode ser, do século dos Edison, Marconi, Santos Dumont, etc.

Implacavel para com os crentes do misterio, a Ciencia se manifesta diariamente contrária ás creações imaginativas dos religiosos.

Não resiste à mais pequena análise, toda a argumentação dos crentes, pertencem elles a Jehovah, Cristo ou Deus.

A geologia, penetrando no amago da Terra, provou cabalmente a sua origem e condições de vida.

Nos varios ramos da Ciencia, se acham demonstradas todas as outras leis.

A astronomia, desenterrando Copernico e Galileu, guiada por Kepler, Newton, Le Verrier e outros, destruiu o céu e com elle a morada do misterioso Criador, ladeado de Cristo e cercado dos anjos e querubins, seus escravos e... filhos.

Veu a biologia e, com o bisturi, o microscopio, o cadinho e um sem numero de instrumentos, que são verdadeiras maravilhas do espirito creador do homem, demonstrou a falsidade da influencia divina no organismo e funcionamento dos seres.

O criticismo, effeito de espiritos conhecedores de todas as leis, saen-do a Historia, observando a marcha da humanidade através dos séculos, e deduzindo por confronto, determinou uma nova lei, a que chamou da Historia, e, das conclusões, criou outro ramo de sciencia — a sociologia.

Um interminavel exercito de homens illustres, libertos da ferrea escravidão dos preconceitos e impedidos pelos fenomenos naturais, se dedicaram de corpo e alma ao seu estudo, alcançando uma esfera de conhecimentos, que assombram pela bizarria dos effeitos de luz deles derramada.

Foi assim que o velho edificio da creença começou a ser abalado e ferido a cada vibração da sublime luz da verdade.

As igrejas, apoiadas na superstição, vendo ameaçados seus interesses, que são inúmeros, e abrangem grande numero de instituições, procuraram desde logo opor-se ao derramamento das doutrinas scientificas e por toda a parte annunciou maldição a quem as lesse e acreditasse, e benções a quantos a contradissem.

Zoilos de todos os matizes, encetaram desde logo uma campanha de difamação contra os desseminaladores da verdade.

Enlaçados pela organização social no mesmo perigo, monarchias e igrejas, todos os meios de que dispunham — forcas e leis — serviram para estorvar a acção dos educadores da razão.

Longa seria a enumeração das violencias e crimes que por tal motivo se praticaram, por isso limitar-nos-emos a citar nomes de Galileu, Savonarola, Miguel Servet, J. Huss, Ferrer, etc.

O odio pervejou dos corações religiosos, e, pregando em nome de Cristo, dizendo-se representantes dele e inspirados em suas doutrinas, «aconselhavam a perseguição, a prisão e a morte»!

Sempre maus e tudo fazendo para conservarem o dominio dos povos, espalhavam do seio das sociedades a zizania e nos lares a desunião.

Rompendo o dique das conveniências, impozeram aos collegios o uso de livros feitos a propósito para a negação da verdade.

A imprensa foi submetida a censura e muitas vezes saíram lugares em branco, denunciando a prohibição de artigos que contrariavam seus falsos ensinos.

Boljavam os inimigos em público para os apunhalarem pelas costas, na obscuridade.

Jam de dia e de noite sonda suspeitavam a existência de algum livre-pensador e ao mais futil pretexto, mesmo por denuncia anonima, preparavam a ruina, a prisão ou a morte dele.

A religião foi sempre o escudo dos hypocritas, porque poucos homens illustres são religiosos por convicção.

Razamente o homem illustrado, que se confessa ou manifesta religioso, deixa de estar ligado por interesses muito fortes a Igreja.

São facéis de demonstrar estas afirmações e prova-lo-emos num outro

artigo que servirá de resposta ao sr. Alcides Faria que, de Bagé, se dignou escrever para as colunas do Tempo uma análise ao nosso artigo. Somos livre-pensador e respeitamos as opiniões manifestadas delicadamente.

Guardaremos o incognito mas estaremos prontos à discussão. Rio Grande, 16 — 5 — 912.

Ganganelli 31.



Lanterna Magica

O padre-nosso dos talassas

Num casaco de um conspirador de Chaves foi encontrado um papel onde estava escrito o seguinte:

Padre-nosso que antigamente estavas no céu, santificado seja o bispo de Beja, venha a nós o Paiva Couceiro, seja feita a sua vontade, assim em Portugal como em Espanha um bom emprego sem fazermos nada em cada dia nos dai hoje. Perdoai-nos, senhor, os adiamentos, assim como nós perdoamos ao sr. D. Manuel as pandegas; não nos deixeis cair nas unhas dos carbonários e livrai-nos do Afonso Costa. Amen.

Este mimo tinha a seguinte dedicatória: «Oferece este ao seu compadre. (a) Padre Anibal.»

Isto vem narrado na imprensa portuguesa e mostra a intenção e seriedade de propósito dos padres conspiradores.

Orçamento papalino

O Vaticano é um pequeno Estado, mas os Estados pequenos também têm orçamentos. Faz excepção à regra o Estado ou Estados Pontificios, que todavia arrecadam avultadas receitas. O dinheiro de S. Pedro representa alguns milhões de liras. De quando em quando, os jornais dão a noticia de ter sido roubado esse dinheiro, mas por via de regra nunca se apura quem foi o ladrão, e tudo continua a girar conforme os Evangelhos.

Pastilhas d'agua

As aguas de Lourdes já podem ser usadas em toda a parte sem necessidade de irem os devotos àquella formosa estância.

Toma-las em banho, tomal-as por copo ou tomal-as em pastilhas deve ser tudo a mesma coisa. Nem todos podem por muito que o desejem, ir de longada a Lourdes; mas todos podem comprar um pacotinho de pastilhas, tomando-as no intervalo das comidas. A devoção? O commercio! Tanto faz dizer o commercio das devoções!

Fugindo

«Os conspiradores que atacaram Valença, na fuga deixaram, com as armas, muitos escapulários. Quando dão às de Vila Diogo os beatos não se lembram de Cristo. Lembram-se só d'elles próprios.»

Assim escreve um jornal português. Na verdade, aqueles fugitivos eram homens de pouca fé... mas de muita perna. Não, que as balas não teem religião nem se confessam...

Objectos do culto

Dum jornal de Lisboa:

MAFRA, 14 — Foram hoje presos como conspiradores, na Igreja Nova, o pároco da freguesia Afonso Pereira e o sacristão João Simões Junior. Effectuou a prisão o administrador do concelho, auxiliado por militares e civis. Passada uma revista à igreja foram encontrados os seguintes objectos que, evidentemente, não pertencem ao culto: uma pistola automatica, um revolver, uma espingarda de ferrolho, uma panela com balas e quatro bandeiras monarchicas. A panela com balas foi encontrada junto aos vasos de flores, estando as balas tapadas com terra. Este achado indignou o povo da freguesia, que tinha, na sua maioria, sympathia pelo prior. Os presos entraram na cadeia no meio de vivas à Republica.

Os instrumentos de morte não são objectos do culto? E porque não? Toda a historia das Igrejas demonstra precisamente que o são.

Pró-Ettor e Giovannitti

Protestando contra uma violencia

Os comícios de S. Paulo, Santos e Rio — Moções, manifestos e telegramas.

José Ettor e Artur Giovannitti, italianos, são dois activos e inteligentes militantes da organização sindicalista dos Industrial Workers of World, que se salientaram na greve dos 25 mil tecelões de Lawrence (Massachusetts), portandose aliás com a maior serenidade. Os industriais conceberam contra estes meneurs o odio mais furioso e tentaram todos os meios para os inutilizar, desde o suborno à ameaça e à brutalidade. Em 29 de janeiro, quando os grevistas vigiavam pacificamente as officinas cerradas, um tal Benoit, da policia, disparava sobre a grevista Ana Lopizzo, matando-a.

Pois bem: quem foi preso? Ettor e Giovannitti! Em nome dume lei ainda do tempo do governo inglez, os dois militantes foram pronunciados por culpabilidade moral no assassinato duma grevista! E' fantastico!

A greve não cessou e os grevistas triunfaram; mas os patrões, apesar das promessas feitas no trato pelo qual findou o conflito, não largaram a sua presa, antes contra os dois sindicalistas foi então reclamada uma forte condenação! O caso tem precedente na historia da plutocracia norte-americana: os casos dos Molly Maguires, dos martyres de Chicago, de Moyer, Haywood e Pettibone.

Entretanto, organizou-se uma agitação internacional para obter a libertação dos dois militantes. A Comissão executiva geral do partido jovem-socialista da Suecia* e da organização central dos operarios suecos propõe mesmo a boicotagem dos navios e produtos norte-americanos e trata de a promover no seu paiz.

O proletariado internacional esforça-se por arrancar aos seus algozes os dois dedicados militantes da causa comum.

EM SANTOS

Tambem os revoltados do Brasil não se fizeram surdos ao apelo lançado pelos companheiros dos Estados Unidos. Também desta terra partiu um vigoroso brado de protesto contra o grande crime dos argentinos trustistas.

E, sem nos determos mais na relação da revoltante violencia por já ser bastante conhecida dos nossos leitores, passamos a noticiar o que se fez

EM S. PAULO

Foi em Santos onde o nosso protesto teve maior importancia. A's 3 horas da tarde teve começo a colossal reunião, estando a praça da Republica apinhada por umas seis mil pessoas.

Falaram diversos camaradas pateando a indignação do operario santista pela prisão de Ettor e Giovannitti, aos quais dirigiram as suas declarações de solidariedade.

Por uma unanime e vibrante aclamação da compacta massa popular, foi aprovada uma moção de protesto que se enviou ao governo dos Estados Unidos.

E assim lançou o proletariado dos tres grandes centros a sua solidariedade com os districtos companheiros stridos às masmorras americanas.

EM S. PAULO

A reunião de protesto realizada domingo passado no Salão Alhambra, teve exito bastante satisfatorio, apesar do inexplicavel indifferentismo que ora domina os elementos avançados de S. Paulo.

A concorrência foi regular, estando o salão quasi cheio.

Deu inicio à reunião o operario J. B. da Silva que expoz, em breves palavras, o seu fim grandioso como é o protesto contra a perseguição de que estão sendo victimas os companheiros Ettor e Giovannitti.

Falou depois Edgard Leuenroth condemnando a violencia

inqualificavel praticada contra os dois bravos lutadores.

Em seguida Alexandre Cechai pronunciou um empolgante discurso sobre a luta social, concluindo por exortar todos os companheiros a voltarem ao grande labor da propaganda das ideias, a retomarem o seu posto de combate na luta pela Revolução Social.

Falaram ainda G. S'ala, J. B. Silva, insistindo no protesto contra a condenação dos dois innocos agora alvos do odio dos milionarios americanos, e por ultimo Edgard Leuenroth apresentando a proposta de diversos companheiros de ser expedido um telegrama ao comité de agitação de Nova York, comunicando-lhe a realização dos comícios de S. Paulo, Santos e Rio.

NO RIO

No Rio o comicio foi realizado, às 3 horas da tarde de domingo ultimo, na sede da Federação Operaria.

Usaram da palavra os companheiros Luiz Franco, Cecilio Vilar, Carlos Lacerda, Leal Junior e outros, todos estigmatizando o procedimento dos tiranos do dolar e declarando a sua solidariedade com as duas gloriosas victimas.

O comicio foi encerrado com a aprovação de uma bem elaborada moção, apresentada por um membro do Grupo Jovens Libertarios.

A Federação Operaria em sua ultima reunião resolveu enviar um officio de protesto ao embaixador americano e mandar distribuir ao publico um magnifico protesto.

Biblia vermelha

O padre, cujo sistema é um tecido de absurdos, tendo, secretamente, a prolongar a ignorancia.

A razão é inimiga da fé. A fé é a base do Estado, da fortuna e da conservação do padre. Quanto mais sant e o padre mais perigoso se torna. Um padre, é, pois, um ser envelhecido. — Diderot.

O cristianismo confundiu demasiadamente a castidade com a pureza. A verdadeira pureza é a do amor... Um eunuco ou um seminarista podem não ter nada de castos; o sorriso duma noiva pode ser infinitamente mais virginal de que uma freira. — Mac Gyska.

Nos reconhavos escuros das igrejas encontram-se abertas as vigias da consciencia humana, para devassarem o intimo das almas debéis e crentes e atacarem nas sombras o ideal de sciencia que nos torna simples e bons. A confissão, nascida duma conveniencia papal, não é, na essencia, como quasi todas as praticas catholicas, mais do que um plagio das creenças pagãs, que dominaram e embrutearam o mundo antigo. — Lino de Macedo.

Quanto mais penetrarmos na Natureza intima dos mitos primitivos, mais nos havemos de convencer, de que eles se referem, na sua maior parte, ao sol. — Max Muller.



O antonismo

O antonismo está sem chefe, o qual acaba de morrer na Bélgica. Talvez o leitor muito justificadamente ignore que o antonismo é uma religião fundada há vinte anos em Jenepe por um tal mr. Antoine, e cuja base era a cura das doenças pela oração e pela fé.

Este rival de Nossa Senhora de Lourdes que, por esse processo, conseguira obter numerosas curas de doenças do sistema nervoso, tinha numerosos adeptos na França, na Alemanha e nos Estados Unidos.

O antonismo possui varios templos e salas de reunião na Wallonia, e há tempos foi até dirigida ao parlamento belga uma petição assinada por 130 mil antonistas, para que o seu culto fosse reconhecido oficialmente.

Vão-se os deuses... para virem outros que, por sua vez, darão o lugar a novos... pobres de espirito ou a espertos vigi-ristas.

